

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM LÍNGUA PORTUGUESA: TEORIAS E
PRÁTICAS DE ENSINO DE LEITURA E PRODUÇÃO TEXTUAL

Luciana Munhoz Vaz Miyashiro

O PAPEL DAS PRÁTICAS DE LEITURA E ESCRITA NA RESSIGNIFICAÇÃO DE
EXPERIÊNCIAS TRAUMÁTICAS DE MULHERES NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E
ADULTOS

Belo Horizonte

2024

Luciana Munhoz Vaz Miyashiro

**O PAPEL DAS PRÁTICAS DE LEITURA E ESCRITA NA RESSIGNIFICAÇÃO DE
EXPERIÊNCIAS TRAUMÁTICAS DE MULHERES NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E
ADULTOS**

Monografia de especialização apresentada à Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais como requisito parcial à obtenção do título de Especialista em Língua Portuguesa: Teorias e Práticas de Ensino de Leitura e Produção de Texto (PROLEITURA).

Orientadora: Profa. Dra. Leiva de Figueiredo Viana Leal

Belo Horizonte

2024

ATA DE DEFESA

11/06/2024, 15:42

SEI/UFMG - 3188174 - Ata



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS

ATA

FACULDADE DE LETRAS

ESPECIALIZAÇÃO EM LÍNGUA PORTUGUESA: Teoria e Práticas de Ensino de Leitura e Produção de Textos

Realizou-se, no dia 31 de maio de 2024, às 14:00 horas, de forma remota, a defesa do Trabalho de Conclusão de Curso, intitulado O PAPEL DAS PRÁTICAS DE LEITURA E ESCRITA NA RESSIGNIFICAÇÃO DE EXPERIÊNCIAS PESSOAIS TRAUMÁTICAS DE MULHERES NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS, apresentado por LUCIANA MUNHOZ VAZ MIYASHIRO, número de registro 2022656282, como requisito parcial para a obtenção do certificado de Especialista em Língua Portuguesa: Teorias e Práticas de Ensino de Leitura e Produção de Textos da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais, perante a seguinte Comissão Examinadora: Profa. Leiva de Figueiredo Viana Leal - Orientadora, Profa. Cristiane Dias Gonçalves Paula, Prof. Joseval dos Reis Miranda (UFPB).

A Comissão considerou o Trabalho:

Aprovado

Reprovado

Finalizados os trabalhos, lavrei a presente ata que, lida e aprovada, vai assinada por mim e pelos membros da Comissão.

Belo Horizonte, 31 de maio de 2024.

Profa. Leiva de Figueiredo Viana Leal (Doutora)

Profa. Cristiane Dias Gonçalves Paula (Mestra)

Prof. Joseval dos Reis Miranda (Doutor)



Documento assinado eletronicamente por **Joseval dos Reis Miranda, Usuário Externo**, em 06/06/2024, às 15:30, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Cristiane Dias Gonçalves Paula, Usuária Externa**, em 06/06/2024, às 18:31, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Leiva de Figueiredo Viana Leal, Usuário Externo**, em 10/06/2024, às 18:46, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.ufmg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **3188174** e o código CRC **935917A7**.

AGRADECIMENTOS

Nenhum homem é uma ilha, isolado em si mesmo; cada ser humano é uma parte do continente, uma parte de um todo [...].
(Donne, [n.d.] *apud* Rollemberg, 2020).

Gratidão a todos que fizeram e ainda fazem parte da minha trajetória.

Viver é estar permanentemente em situação de aprendiz, pois é na interação com o outro, com o meio e consigo mesmo que acontecem as descobertas, as reflexões, as confirmações e também surgem novas ideias e novos questionamentos que vão orientando a caminhada.

Gratidão a Deus que escolhe cuidadosamente as pessoas que coloca em meu caminho todos os dias, com as quais troco saberes, dúvidas e afetos e que me sinalizam as tantas possibilidades de mundos ainda a serem desbravadas.

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo geral evidenciar a importância da prática literária para mulheres que viveram experiências traumáticas e as transformações que a leitura pode ocasionar em leitores em situação de violência. Essa pesquisa trata da análise de práticas investigativas na Educação de Jovens e Adultos (EJA), lugar de histórias de sofrimento, de dor e de luta pela vida. Durante um bimestre, alunas e alunos da turma EJA participaram do projeto. Para alcançar os objetivos, partiu-se das concepções teóricas de literatura de Candido (2011) e de Todorov (2009), que ajudaram a selecionar o conto literário *A moça tecelã*, de Marina Colasanti (2018), e, a partir dessa escolha, foram desenvolvidas oficinas de leitura e discussão da obra. Posteriormente, foi solicitado aos alunos da EJA que escrevessem a sua própria história de relação afetiva com o outro: seu esposo ou companheiro, ou ainda situações vivenciadas por eles na família. Nas aulas, foram desenvolvidas aprendizagens significativas que ajudariam a potencializar os encontros. O resultado desse estudo mostrou que, por meio das atividades, os alunos puderam verbalizar suas histórias de vida, sabendo que estavam sendo escutados por interlocutoras que vivenciaram experiências semelhantes ou mesmo piores do que as narradas. A escrita dos participantes aponta para um contexto de violência ainda reinante em nosso meio e que a escola pode colaborar para mudar essa situação por intermédio da conscientização tanto de mulheres quanto de homens. Este estudo ainda aponta a importância de atividades que envolvam a leitura literária como espaço de diálogo e de respeito humano. Sem dúvida, o estudo revela que é papel da escola se preocupar e se envolver com práticas como a desenvolvida que assegurem os direitos humanos, contribuindo para uma sociedade mais justa e cumprindo a sua função social.

Palavras-chave: Leitura Literária; Educação de Jovens e Adultos; Escrita; Interdiscurso; Educação para Liberdade.

ABSTRACT

The general aim of this work is to highlight the importance of literary practice for women who have lived through traumatic experiences and the transformations that reading can bring about in readers in situations of violence. This research deals with the analysis of investigative practices in Youth and Adult Education, a place of stories of suffering, pain and the struggle for life. Students from the EJA class took part in the project over the course of a two-month period. In order to achieve our objectives, we started from the theoretical conceptions of literature by Cândido (1987) and Todorov (2009), which helped us to select the short story "The Weaver Girl" by Marina Colasanti (2018), and based on this choice, workshops were held to read and discuss the work. Subsequently, the EJA students were asked to write their own story of an emotional relationship with another person: their spouse or partner, or situations they had experienced in the family. In class, we tried to develop meaningful learning that would help to enhance the encounters. The results of this study showed that, through the activities, the students were able to verbalize their life stories, knowing that they were being listened to by interlocutors who had lived through similar or even worse experiences. The participants' writing points to a context of violence that still reigns in our midst and that the school can help to change this situation by raising awareness among both women and men. It also points to the importance of activities involving literary reading as a space for dialog and human respect. Undoubtedly, the study reveals that it is the school's role to be concerned and involved with practices such as the one developed to ensure human rights, contributing to a fairer society and fulfilling its social function.

Keywords: Literary Reading; Youth and Adult Education; Writing; Intertext; Female Education for Freedom.

Uma sociedade justa pressupõe o respeito dos direitos humanos, e a fruição da arte e da literatura em todas as modalidades e em todos os níveis é um direito inalienável (Candido, 2011, p. 191).

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	9
1.1 A Educação de Jovens e Adultos (EJA).....	9
1.2 O público atendido.....	11
2 OBJETIVOS.....	13
2.1 Objetivo geral	13
2.2 Objetivos específicos	13
3 A PERSISTÊNCIA DA VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER E O PAPEL DA ESCOLA NESSE CENÁRIO.....	15
4 A LITERATURA COMO EXPRESSÃO DA EMOÇÃO	17
5 É PRECISO SAIR DA ILHA PARA ENXERGAR A ILHA: PERSPECTIVAS TEÓRICAS.....	19
6 METODOLOGIA	21
7 ANÁLISE DAS PRÁTICAS LEITORAS: VOZES FEMININAS, SOFRIMENTO E TRISTEZA.....	23
8 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	27
REFERÊNCIAS.....	28
ANEXO A – TEXTO MOTIVADOR	0
ANEXO B – PRODUÇÕES ESCRITAS	3
ANEXO C – IMAGENS DO GRUPO.....	10

1 INTRODUÇÃO

1.1 A Educação de Jovens e Adultos (EJA)

A Educação no Brasil sempre privilegiou as classes sociais mais abastadas, elites políticas e econômicas. Em um passado não tão remoto, o privilégio estendia-se aos homens, já que às mulheres estava reservada as responsabilidades com a casa, os filhos, o marido e com os demais familiares.

Por muito tempo, existiu, e ainda hoje existem, resquícios dessa mentalidade na educação brasileira, pois, ainda que o número de mulheres ocupando os bancos das universidades tenha aumentado bastante, há muitas sem essa perspectiva.

Iniciativas e políticas públicas voltadas para a educação de jovens e adultos até foram criadas no Brasil, mas poucas vingaram e, entre tantas idas e vindas, o que se pode afirmar é que essa parcela da população continua à margem. A exemplo disso, atualmente, a oferta do turno noturno vem caindo paulatinamente em várias unidades escolares, estaduais ou municipais, centralizando a oferta em unidades muitas vezes distantes da residência ou do trabalho do estudante.

Também não há abertura de turma se não houver um número mínimo de alunos inscritos, ou seja, se esse mínimo não é atingido, os alunos interessados são alocados pelo sistema para outras unidades escolares, muitas vezes em bairros distantes. Tudo isso faz com que o estudante desista mais uma vez porque as políticas públicas pouco ou em nada o favorecem.

Houve várias tentativas de mudar esse quadro, umas com mais êxito e outras nem tanto, como em 1963, quando o governo lançou o Plano Nacional de Alfabetização, que durou apenas de janeiro a abril de 1964. Em janeiro do mesmo ano, aconteceu o 1º Encontro Nacional de Alfabetização e Cultura Popular que contou com a participação do educador Paulo Freire. No entanto, os planos surgidos desse encontro também não vingaram.

Outras iniciativas como Movimento Brasileiro de Alfabetização (MOBRAL), em 1967, foram pensadas. Em 1978, o MOBRAL já tinha alcançado cerca de 2 milhões de pessoas, conforme dados da publicação *Retratos da EJA em São Paulo – Secretaria Municipal de Educação de São Paulo (SME-SP, 2020)* –, encerrando-se em 1985. Paralelamente, em 1970, o governo lança o Ensino Supletivo, regulamentado em 1971,

pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, Lei n. 5.692, de 11 de agosto de 1971 (Brasil, 1971).

Em 1989, durante a gestão de Paulo Freire na Secretaria Municipal de Educação de São Paulo, criou-se o Movimento de Alfabetização de Jovens e Adultos (MOVA), inspirado na metodologia freiriana para educação de jovens e adultos, que trazia como proposta privilegiar a educação não apenas como apropriação de códigos, mas, sim, como um processo de emancipação, libertador, capaz de ressignificar e dignificar a existência do sujeito. A partir de temas geradores, a proposta partia dos conhecimentos de mundo do aluno como ponte para a construção de novos conhecimentos, valorizando assim o estudante e o seu repertório.

Essa iniciativa, por sua repercussão positiva, motivou outras tantas, e o modelo foi reproduzido por governos municipais, estaduais, organizações não governamentais, empresas etc.

Em 1988, uma nova Constituição Federal é promulgada no Brasil e inclui um artigo específico para Educação de jovens e adultos, trata-se do artigo 208 que assegura o direito ao Ensino Fundamental a esse público de forma gratuita (Brasil, 1988). Porém, a luta era pela inclusão de todos na Educação Básica, não só no Ensino Fundamental, e isso aconteceu em 2009, com a Emenda n. 59, de 11 de novembro do mesmo ano (Brasil, 2009).

Marco na educação brasileira, em 1996, é criada a Lei de Diretrizes e Bases da Educação, Lei n. 9.394 (Brasil, 1996), incluindo uma seção destinada à EJA, Seção V. A partir daí, outras conquistas foram alcançadas. Em 2001, é aprovado o Plano Nacional de Educação (PNE) que, depois de um diagnóstico da EJA no país, propõe a alfabetização de 10 milhões de brasileiros e a erradicação do analfabetismo no Brasil, estabelecendo 26 diretrizes para a EJA, cabendo à União sua iniciativa e sua colaboração.

Em 2014, é sancionado um novo Plano Nacional de Educação, Lei n. 13.005 (Brasil, 2014) com vigência de 10 anos e três metas cruciais para a EJA.

- **Meta 8:** Elevar a escolaridade média da população de 18 a 29 anos, de modo a alcançar, no mínimo, 12 anos de estudo no último ano de vigência deste Plano, para as populações do campo, da região de menor escolaridade no País e dos 25% mais pobres, e igualar a escolaridade média entre negros e não negros declarados ao Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).

- **Meta 9:** Elevar a taxa de alfabetização da população com 15 anos ou mais para 93,5% até 2015 e, até o final da vigência deste PNE, erradicar o analfabetismo absoluto e reduzir em 50% a taxa de analfabetismo funcional.
- **Meta 10:** Oferecer, no mínimo, 25% das matrículas de educação de jovens e adultos, nos ensinos fundamental e médio, na forma integrada à educação profissional.

Com objetivo de alcançar essas metas, em 2019, a Secretaria Municipal de Educação de São Paulo (SME-SP), lança o Currículo da Cidade de São Paulo para a Educação de Jovens e Adultos. A elaboração do material contou com a participação de pesquisadores, professores, técnicos, representantes regionais, entre outros. Nele há destaque para as habilidades e os conteúdos a serem desenvolvidos em cada uma das etapas da EJA disponibilizadas pela rede municipal de ensino.

1.2 O público atendido

Por se tratar de um público bastante específico, é importante apresentar o perfil das pessoas atendidas por esse segmento de ensino.

Em geral, as turmas de EJA são constituídas de forma bastante heterogênea: com frequência, são jovens que não conseguiram concluir o ensino regular; jovens que se evadiram por um curto período e regressaram; adultos que estão há muito tempo longe dos bancos escolares, mas que resolveram regressar movidos pela necessidade profissional; e, por fim, pessoas com mais de 60 anos, muitas já aposentadas, que vêm em busca de conhecimento para atender a um desejo pessoal.

Um dado que chama a atenção é o maior número de mulheres nessas turmas. Entretanto, isso não surpreende, uma vez que historicamente ao homem foi dada a prioridade nos estudos e no investimento em sua trajetória profissional. Já as mulheres, em segundo plano, tinham que inclusive servirem de apoio aos irmãos no que diz respeito à dinâmica da casa e da família. Atualmente, com a necessidade de as mulheres ajudarem no orçamento doméstico, muitas daquelas que deixaram seus sonhos, para que os outros pudessem realizar os deles, voltaram para a escola.

Muitas dessas mulheres, público-alvo deste trabalho, foram ou são ainda vítimas de algum tipo de violência ou abuso na infância e na adolescência, o que, muitas vezes, explica o afastamento delas da escola na idade-série adequada.

Toda essa situação de limitação, opressão e abandono gera dores que precisam ser vistas e cuidadas. A necessidade de tratar essas feridas está intimamente

relacionada à participação e à continuidade do ciclo escolar dessas mulheres. Pode-se inclusive falar aqui em empoderamento feminino, devolvendo a elas o que lhes é de direito. Ocorre que, muitas vezes, por não se sentirem capazes, elas abandonam novamente o projeto de concluir seus estudos. Por isso, que há a necessidade de a escola acolher essas mulheres, dando a elas um lugar de fala, fortalecendo a autoestima de cada uma, assegurando a elas um ambiente favorável e motivador para que permaneçam estudando.

Estando em salas heterogêneas, o trabalho ainda que com o foco nas mulheres, incluiu também o público masculino, por se acreditar que é na troca de experiências e de saberes que o conhecimento é construído e a realidade pode ser modificada.

O público masculino, em geral, é formado por adultos trabalhadores que querem galgar novos postos de trabalho e buscam aumento de salário. Outra parte, em menor número, é formada por menores de idade que não conseguem frequentar o período diurno ou vespertino, seja por trabalharem para ajudar na renda familiar, seja porque ficaram afastados da escola e não regulam idade-série, por isso não se sentem mais à vontade em estar com estudantes com idade inferior a deles, visto que o perfil e os interesses são bem diferentes.

Diante do exposto, nota-se que as turmas são bastante heterogêneas, o que traz aspectos positivos e negativos, uma vez que estão em fases de vida muito distintas.

Mesmo assim, optou-se por incluir todos no trabalho e lidar com as diferenças durante o processo. Isso foi muito produtivo, pois as diferentes visões contribuíram bastante para as discussões realizadas acerca da relação homem-mulher.

2 OBJETIVOS

2.1 Objetivo geral

Este trabalho tem como objetivo mostrar como as práticas de leitura ajudam a ressignificar experiências traumáticas de mulheres atendidas na Educação de Jovens e Adultos da Secretaria Municipal de Educação de São Paulo. Resignificar a história dessas mulheres denota dar a elas a possibilidade de um novo caminho a trilhar, contribuindo com o aumento da autoestima e da autoconfiança de forma a ampliar o engajamento nas aulas e na redução da evasão escolar e, o mais importante, auxiliá-las na busca por visibilidade social, realização pessoal e na constituição de suas identidades como sujeitos históricos e de transformação da realidade, como bem salienta a obra *Retratos da EJA em São Paulo* (SME-SP, 2020).

2.2 Objetivos específicos

Destacam-se as práticas de leitura e de escrita para que por meio da fabulação, conceito que será desenvolvido mais adiante, essas mulheres possam encontrar-se e recuperar o seu lugar na sociedade.

Nesse sentido, ressaltam-se os objetivos específicos:

- A partir da leitura e da análise de um conto da autora Marina Colasanti (2018), *A moça tecelã*, busca-se promover um espaço na sala de aula para a troca de experiências de vida mediante o testemunho oral e escrito.
- Aproximar o aluno do texto literário, desenvolvendo, a partir da leitura mediada, habilidades, como inferir, relacionar, compreender, interpretar entre outras.

Santos, Riche e Teixeira (2011, p. 40), na obra *Análise e produção de texto*, fazem um comparativo entre “leitor” e “ledor”, sendo o primeiro aquele que se apropria do texto de uma forma mais complexa, para além da superfície. Já o segundo é o sujeito passivo, que fica na superfície textual, “fazendo mera reprodução alienada de palavras ou de trechos veiculados pelo autor do texto, sem que faça a mediação com o social, com o concretamente vivido”.

O objetivo, portanto, do presente trabalho é promover condições para que os alunos da EJA sejam leitores, e não ledores, trazendo suas experiências de mundo para o texto lido, reforçando o caráter dialógico da leitura.

3 A PERSISTÊNCIA DA VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER E O PAPEL DA ESCOLA NESSE CENÁRIO

Diferentes formas de silenciar as mulheres continuam a existir na sociedade brasileira, que ainda convive com ideologias patriarcais em que a mulher é oprimida, desrespeitada, desvalorizada como pessoa e profissional. Haja vista o número elevado de feminicídios em pleno século XXI e a necessidade de lei, como a Lei n. 14.611 de 2023 (Brasil, 2023), que garante justamente a igualdade salarial e de critério de remunerações entre empregados e empregadas.

Conforme dados do Anuário Brasileiro de Segurança Pública 2023, em 2022, houve um crescimento de todas as formas de violência contra a mulher.

Infelizmente o que os números revelam não é nada positivo, pois os feminicídios cresceram 6,1% em 2022, resultando em 1.479 mulheres mortas simplesmente por serem mulheres. Os homicídios dolosos de mulheres também cresceram (1,2% em relação ao ano anterior), o que impossibilita falar apenas em melhora da notificação como causa explicativa para o aumento da violência letal.

Além dos crimes contra a vida, as agressões em contexto de violência doméstica tiveram aumento de 2,9%, totalizando 245.713 casos; as ameaças cresceram 7,2%, resultando em 613.529; e os acionamentos ao 190, número de emergência da Polícia Militar, chegaram a 899.485 ligações, o que significa uma média de 102 acionamentos por hora (FBSP, 2023, p. 136).

Diante desse cenário, a escola precisa acolher essas mulheres, suas dores e sua história de vida e ressignificá-las para que, por intermédio da educação, possam – metamorfosear-se de lagartas a borboletas.

Cabe ressaltar a importância de tratar dos traumas dessas mulheres, visto que muitas, por estarem fortemente ligadas a doutrinas religiosas, entendem as formas de violência como expressão da vontade divina e que assim deve ser; também há aquelas que assumem essas dores como algo que faz parte da vida; e outras têm a consciência de que estão em uma relação abusiva, mas da qual não conseguem se desvencilhar, é o caso de mulheres vítimas de violência física e manipulação psicológica que não possuem independência emocional e/ou financeira que lhes permitam pôr fim ao sofrimento vivido.

Por isso, é função da escola dar um lugar de fala a essas mulheres e mostrar a elas outra versão do feminino, diferente daquelas que conheceram, em que a mulher é submissa, oprimida, inferiorizada, vista como objeto sexual, incapaz de ser feliz vivendo

sozinha, sem um companheiro e sem a instituição “casamento”, visão agravada ainda mais quando lhes faltam instrução e modelos saudáveis de relacionamento.

Tratando-se de uma sala heterogênea, embora o foco do trabalho seja o feminino, houve inclusive a participação masculina por se entender que o olhar do homem também precisa ser modificado para que a mulher seja respeitada e se estabeleça uma relação saudável na relação homem-mulher.

Na disciplina de Língua Portuguesa, a forma encontrada para tratar de tão delicada problemática foi utilizar textos literários ricos em expressividade e com temáticas ligadas à questão do feminino e às suas relações com o outro, como o relacionamento afetivo e o casamento.

4 A LITERATURA COMO EXPRESSÃO DA EMOÇÃO

A prática de leitura escolhida para cumprir o papel de ressignificar os traumas pessoais sugeridos aqui apoiam-se na literatura, uma vez que, como toda forma de arte, sensibiliza, emociona, promove a reflexão, desconstrói preconceitos, ideologias, cria novas conexões e possibilita novas formas de ver o mundo.

Para Antonio Candido (2011), teórico moderno do tema – e um grande nome da teoria literária no Brasil –, a literatura é um direito de todos ao mesmo tempo em que é um convite à imaginação, aos sonhos e à vida. O autor ainda afirma que ela é uma necessidade universal, um mecanismo de instrução, um desmascaramento capaz de denunciar e apontar restrições e negações de direitos.

Ainda, conforme Candido (2011), a literatura alia forma e conteúdo e é na escolha de palavras do autor, segundo a ordem que ele escolhe, que a produção literária ganha o poder de emocionar, impressionar, elaborar experiências além da capacidade de humanizar quem do texto desfruta, devido à coerência mental que pressupõe e que sugere, ordenando o caos interior, de forma que a mensagem possa atuar nos níveis do consciente e do subconsciente.

Isso porque a literatura pode ser entendida como um espelho da vida e, a partir disso, tornar visível problemáticas que não conseguimos enxergar.

Literatura, como toda arte, é uma transfiguração do real, é a realidade recriada através do espírito do artista e retransmitida através da língua para as formas, que são os gêneros, e com os quais ela toma corpo e nova realidade. [...] A Literatura é, assim, a vida, parte da vida, não se admitindo que possa haver conflito entre uma e outra. Através das obras literárias, tomamos contato com a vida, nas suas verdades eternas, comuns a todos os homens e lugares, porque são as verdades da mesma condição humana (Coutinho, 1978, p. 9-10).

Do ponto de vista emocional, a literatura permite-nos viver o que não vivemos, mas que estamos vivendo com o outro trazido pela materialização das palavras. Ela permite, pelas singelas ou durezas dos relatos, despertar consciências adormecidas e, como diz Todorov (2009, p. 76):

A literatura pode muito. Ela pode nos estender a mão quando estamos profundamente deprimidos, nos tornar ainda mais próximos dos outros seres humanos que nos cercam, nos fazer compreender melhor o mundo e nos ajudar a viver.

A partir das concepções e dos pontos de vista desses teóricos, optou-se pela escolha do conto *A moça tecelã*, de Marina Colasanti (2018), texto que, de uma forma ou outra, toca mulheres e homens, que se sensibilizam com o sofrimento da figura feminina, personagem central da obra.

Ainda sobre isso, há a referência do renomado e eterno professor Paulo Freire. Quando se pensa nesse expoente, logo se remete às suas grandes contribuições nas metodologias de aprendizagem voltadas para aqueles que, por diversas razões, não tiveram a condição de estudar. Para ele, o uso social da leitura e escrita são fatores fundamentais na formação do indivíduo e para a sua prática cidadã. Para além da decodificação, Freire (1986) lutava pela formação de alunos letrados, capazes de ler o mundo a partir de toda a bagagem cultural que traziam consigo, ressignificando sua forma de estar no mundo. De acordo com o autor:

A leitura do mundo precede a leitura da palavra, daí que a posterior leitura desta não possa prescindir da continuidade da leitura daquele. Linguagem e realidade se prendem dinamicamente. A compreensão do texto a ser alcançada por sua leitura crítica implica a percepção das relações entre o texto e o contexto (Freire, 1986, p. 113).

A partir das possibilidades de superação apresentadas, é que se insere este trabalho com as práticas de leitura na formação de Jovens e Adultos, justamente para ressignificar experiências negativas, principalmente aquelas vividas por mulheres. Cada uma delas traz consigo a sua história de vida que não é possível de ser apagada, mas é possível fazer dessas experiências a força motriz para retomar seus sonhos, cumprir seus propósitos e alcançar seus objetivos.

Barreto (2019) leva a inferir que o ato de ler propicia informações, amplia a capacidade leitora, dá oportunidade ao que lê a mudança de opinião e a construção de pensamentos que entrevejam melhor convivência na sociedade. Por intermédio dessa prática, transformamos quem somos, o que pensamos, como nos comunicamos e até mesmo o mundo em que vivemos.

5 É PRECISO SAIR DA ILHA PARA ENXERGAR A ILHA: PERSPECTIVAS TEÓRICAS

Dialogismo, interdiscursividade, intertextualidade e fabulação são os referenciais teóricos que serviram de base para este trabalho.

É preciso “sair da ilha para enxergar a ilha”, como sugere José Saramago (1999, p. 41), em sua obra *O conto da ilha desconhecida*. Dessa forma, a literatura permite ao leitor ver os próprios problemas nas histórias de outrem, vivenciar as experiências das personagens e aprender com elas, conhecer outros mundos e também outras formas de estar no mundo. Trata-se, portanto, do caráter dialógico dos textos literários, ou seja, um jeito próprio de compor o discurso, uma maneira de estar no mundo, como sugere Bakhtin (2003).

Já Julia Kristeva (1974, p. 439), a partir do conceito de “dialogismo” formulado por Bakhtin (2003), desenvolve a noção de intertextualidade. Segundo ela, para o autor, o discurso literário “não é um ponto, mas o cruzamento de superfícies textuais, um diálogo de várias escrituras”.

Conforme Maria Zilda Ferreira Cury (n.d.):

[...] a produção de um texto sempre implica a retomada de muitos outros e depende do olhar do leitor para que se criem e recriem significações, já que este último é corresponsável por sua construção. A intertextualidade se dá, pois, tanto na produção como na recepção da grande rede cultural, de que todos participam. Escrita e leitura são faces da mesma moeda. O leitor também participa dessa ampla rede dialógica ao trazer para o texto que está lendo sua bagagem de leituras de outros textos, de variadas linguagens e diferentes gêneros.

Ampliando a ideia da intertextualidade, há a interdiscursividade, ou seja, um discurso que se relaciona a outros. Para Jane Quintiliano G. Silva (n.d.):

[...] isso significa que não há discurso homogêneo, fechado em si mesmo e dotado de uma fonte única do dizer. Ao falarmos, nossos dizeres são atravessados por outras vozes, por outras fontes enunciativas. O que se está dizendo, numa dada interação social, situa-se em uma rede interdiscursiva, toca em inúmeros fios dialógicos, impregnados de valores, de crenças, carregados de sentidos.

Por fim, um dos conceitos mais importantes quando se trata da leitura literária é o da fabulação, que também foi utilizado para fundamentar o trabalho proposto, uma

vez que se desenvolve a partir de um conto, gênero da esfera literária. De acordo com Jorge Miguel Marinho (2019):

Fabular é preciso, fabular faz parte da natureza humana, fabular é um modo de ser que acorda em cada um de nós o apelo ao sonho, a necessidade da fantasia, a vivência da imaginação. Ninguém consegue viver sem conviver com momentos de fabulação, que na arte literária acontece do feliz casamento do sonho com o real. E é nesse jogo de contar e imaginar a vida surpreendida pelo poder encantatório e inventivo da ficção que o ato de fabular revela como o mundo é e como o mundo poderia ser.

Por isso mesmo a fabulação humaniza, não só por estar sempre voltada para a condição humana, mas também, e talvez sobretudo, por atender à carência de fantasia como contraponto da inteligência lógica, que faz da realidade um território árido e carente de imaginação.

A partir de tais conceitos, foi escolhido o conto *A moça tecelã*, da autora Marina Colasanti (2018), obra literária que apresenta muitas possibilidades de relações intertextuais e interdiscursivas possíveis de serem estabelecidas pelo público atendido.

6 METODOLOGIA

As reflexões sobre leitura são tão antigas quanto a própria cultura ocidental. Platão e Aristóteles, por exemplo, já tratavam do papel do texto escrito, do texto oral, da poesia, da linguagem literária de forma mais ampla.

Dos autores contemporâneos, pode-se destacar, entre outros, Marcuschi (1999), que reenfaziza o caráter interativo da leitura, acompanhada da construção de sentido. Ernani Terra (2014, p. 54) acrescenta:

[...] construção de sentido é um processo complexo e não deve ser confundido com a simples decodificação ou identificação de informações básicas. Como o sentido não está no texto, no processo de leitura, o leitor sai do texto e vai buscar, por meio de inferências, os conhecimentos necessários (linguísticos, textuais, enciclopédicos, interacionais) para a construção do sentido numa atitude colaborativa.

Como o objetivo era o de construir sentido, optou-se por fazer a leitura do texto de forma coletiva, mediada pelo professor.

Para isso, os alunos foram convidados a se sentar em um círculo previamente organizado, de forma que todos pudessem se olhar.

Na interatividade com o texto, alunos e alunas puderam conhecer narrativas semelhantes às suas histórias e, a partir disso, ressignificar as suas experiências, seu jeito de estar no mundo. Muitas das mulheres atendidas na EJA apresentam uma visão de si mesmas muito inferiorizada, pois não foram valorizadas como filhas, como esposas, como profissionais. Além disso, o exíguo domínio que possuem da linguagem, ou o uso de variedades linguísticas consideradas de pouco prestígio por uma grande parte da população, somado à vergonha de estarem naquele banco escolar aos 40, 50, 60 anos, faz com que se sintam retraídas, sem confiança em seu potencial cognitivo. Em geral, o movimento dessas mulheres na primeira dificuldade é a desistência, a evasão.

O objetivo, portanto, deste trabalho é promover condições para que os alunos da EJA sejam leitores e não ledores, trazendo suas experiências de mundo para o texto lido, reforçando o caráter dialógico da leitura.

Está registrado, no Anexo A, o conto *A moça tecelã*, da autora Marina Colasanti (2018), em que, por meio de leitura dialogada com o grupo de mulheres da Educação de Jovens e Adultos, foi possível trabalhar a relação entre o tema e a figura, bem como

a relação entre o tema e a história de vida dessas mulheres, muitas vezes vítimas de agressões de todas as ordens.

De acordo com Magda Soares (2004, p. 43-44):

Letramento é descobrir a si mesmo pela leitura e pela escrita, é entender-se lendo ou escrevendo (delinear o mapa de quem se é) e é descobrir alternativas e possibilidades, descobrir quem se pode ser. Letramento é muito mais que alfabetização [...]. Letramento é um estado, uma condição: o estado ou condição de quem interage com diferentes portadores de leitura e de escrita, diferentes gêneros e tipos de leitura e de escrita, com as diferentes funções que a leitura e a escrita desempenham na nossa vida. Enfim: letramento é o estado ou a condição de quem se envolve nas numerosas e variadas práticas sociais de leitura e de escrita.

A prática proposta foi a da leitura colaborativa dialogada, mediada pelo professor, uma vez que o público atendido não possuía familiaridade com os textos literários. Optou-se também pelo texto na íntegra, sem adaptações, para que a riqueza do texto não se perdesse.

Em roda, os alunos receberam o livro *Doze reis e a moça no labirinto do vento*, publicado pela editora Rio, do qual o conto *A moça tecelã* faz parte. Os alunos foram convidados a olhar a capa e a contracapa do livro, a identificar a autora e a pronunciar seu nome. Elas foram orientadas a encontrar a página 10, a leitura do conto foi iniciada pelo título e houve uma pausa para a compreensão da palavra “tecelã”.

Seguindo os estágios de leitura de descrição, análise, interpretação e julgamento, propostos por Santos, Riche e Teixeira (2011), o trabalho prosseguiu.

Durante toda a leitura, intervalos foram feitos para facilitar a apreensão por parte das alunas. Escrito em uma linguagem metafórica, plurissignificativa, cheia de imagens, a leitura propiciou às alunas a vivência de sentimentos e a retomada de experiências vividas. Não foi necessário muito esforço para que elas começassem a relacionar os problemas e os dilemas vividos pela protagonista aos que passaram ou ainda estavam passando.

A narrativa conta a história de uma moça que vive sozinha e tem o dom de, ao tecer em seu tear mágico, dar vida aos seus desenhos, conseguindo tudo o que precisa para viver. No conto, destaca-se a simplicidade da moça que vive em sua casa pequena, sem luxo, preocupando-se somente com o essencial e, por isso, tendo tempo de tecer e olhar o sol, faz garoar para refrescar o dia e assim, com suas lãs coloridas, os dias vão passando até que, sentindo-se só, decide tecer um marido.

7 ANÁLISE DAS PRÁTICAS LEITORAS: VOZES FEMININAS, SOFRIMENTO E TRISTEZA

O primeiro aspecto ressaltado com as alunas é o fato de a moça não ter nome, sendo possível a identificação com qualquer mulher. Não se coloca o foco na personagem, mas, sim, no que ela experiencia na relação homem-mulher em um casamento.

Seguindo a leitura, chamou a atenção o tear, elemento mágico próprio dos contos de fadas. Nesse momento, coube mostrar as relações intertextuais que o conto propunha. Em *A Bela Adormecida*, há a roca de fiar; em *Rapunzel*, o fuso. Anterior a esses, em *Odisseia*, há a personagem Penélope, que tece para ganhar tempo e não ter de se casar novamente, ou seja, o conto em estudo conversa com outras histórias à medida que gira em torno da figura feminina. Bela, Rapunzel e Penélope também são vítimas tanto da família quanto da sociedade, que ditam o que devem fazer, ignorando seus desejos e suas vontades. Há sempre uma pressão social que atua sobre a figura feminina, traçando o seu destino e tolhendo a sua liberdade.

Depois da intertextualidade, a interdiscursividade ganhou luz, uma vez que o conto trouxe as vozes presentes na memória cultural ao tratar, na relação figura-fundo, as relações de poder, do trabalho, dos relacionamentos afetivos, da dependência emocional. Além disso, e não menos importante, os recursos expressivos e os efeitos de sentido encontram-se no texto.

Aqui, o destaque foi dado para a escolha das cores de cada fio que a moça utilizava, a depender do que queria trazer para sua realidade. “Linhas claras para começar o dia”, “fios cinzentos de algodão para trazer a chuva”, “belos fios dourados para que o sol voltasse a acalmar a natureza” (Colasanti, 2018, p. 10).

As cores, ao longo da narrativa, revelam o estado de ânimo da personagem e evidenciam também as partes do texto. No início, cores alegres, “fios macios” demonstrando paz e alegria. Depois da chegada do marido, pouco a pouco, os tons foram tornando-se escuros e frios, mostrando a tristeza, o desânimo da personagem no dia a dia daquela relação abusiva e, por consequência, a falta de sentido em viver. Ao ser presa na torre pelo próprio cônjuge, a moça pensou e decidiu terminar com aquele sofrimento, saindo daquela situação de opressão.

As cores suaves e alegres só voltam no final da narrativa, depois que a moça “destece” o marido e, ao fazer isso, liberta-se das amarras visíveis e invisíveis às quais se sujeitou por tanto tempo.

Por meio da fabulação, foi possível que cada uma das mulheres, distanciadas de seus problemas, enxergasse o quanto a moça estava sofrendo naquele relacionamento, o quanto não era vista, amada nem respeitada pelo seu companheiro. Explorar a personagem central e as intrincadas relações dela com o marido foram fundamentais para que, em um segundo momento, elas pudessem transpor a ficção para a realidade, ou seja, olhar para as relações que já tiveram ou em que estão inseridas, sendo convidadas a relatar experiências pessoais parecidas com as vividas pela moça da história por meio da escrita expressiva.

Muitas alunas compartilharam suas histórias no papel de vítimas de relacionamentos também abusivos. A troca com outras mulheres e com os homens trouxe para a sala de aula a discussão do que é ideal e aceitável em uma relação, trazendo luz para as atitudes do companheiro, pai, irmãos, familiares em geral ou padrões que se aproximam mais da violência, embora travestidas de amor e de preocupação.

Os relatos, não raro, vieram acompanhados de dor e de lágrimas. Nas discussões sobre o que é ou não um relacionamento abusivo, muitas mulheres se deram conta de que foram ou ainda são vítimas de violência. Nesse sentido, a tomada de consciência é o passo inicial para dar início à mudança, para ressignificar a sua história.

Escrever a sua história, compartilhar as dores, relatá-las oralmente são formas de elaborar todo o conteúdo negativo das experiências traumáticas vividas. Idonézia Collodel Benetti e Walter Ferreira de Oliveira no artigo *O poder terapêutico da escrita: quando o silêncio fala alto* (2016, p. 70), ressaltam o poder de cura de práticas como esta:

Na psicologia moderna, Breuer e Freud (2000) forneceram um modelo de funcionamento emocional que previu que a expressão de emoções seria útil para o indivíduo sob uma vasta gama de condições. As emoções provocadas por conflitos e traumas não resolvidos, se não forem descarregadas através da expressão, permanecerão presas no corpo, ocasionando diversos problemas. Se as emoções forem liberadas através da expressão, sua força será dissipada, os sintomas atrelados poderão ser aliviados ou mesmo desaparecer, e impactos nocivos sobre a saúde poderão ser controlados ou neutralizados. Por isso, algumas modalidades terapêuticas modernas

ênfatisam o valor da expressão de emoções reprimidas e o uso da catarse como ferramenta para a terapêutica.

Apoiando-se nos conceitos de intertextualidade, interdiscursividade, fabulação e escrita expressiva, a partir do presente trabalho, foram produzidos os textos que seguem no Anexo B, corroborando a tese de que as práticas de leitura literária podem ser ferramentas para trazer à consciência situações de violência vividas e ajudar a ressignificar essas experiências traumáticas.

Muitos sentimentos são expressos na escrita das mulheres da EJA a partir da leitura do conto *A moça tecelã*, de Colasanti (2018). Seguem alguns agrupamentos:

Relatos de dor: a invisibilidade da mulher

- *Quando eu vivia com meu marido, eu sofria muito, ele me batia na frente das crianças.*
- *Eu me casei muito nova. Meu ex-marido era muito ignorante...Nunca se importava comigo...Sempre me colocava para baixo.*
- *Vivi [uma experiência] assim, como o da moça tecelã.*
- *Então, foi aí que começou meu sofrimento (casar-se com escolha feita por outrem), tendo que ter relação sexual eu me sentia abusada, pois estava tendo que fazer algo que não queria. Toda noite chorava.*
- *[...] foram muitos anos de muito sofrimento, sempre querendo (o marido), controlar a minha vida.*
- *Passei por relacionamentos que só eu amei, me dediquei e nunca fui notada.*

Consciência de valorização do “eu” mulher

- *Hoje eu me libertei dessa vida (apanhava muito). Eu vivo com os meus filhos. Minha história foi muito triste.*
- *Isso (o fato do marido não se comprometer com as tarefas de casa) foi me irritando. Conversamos e hoje ele entende que estava errado.*
- *Até o dia que comecei a abrir os olhos e ter vontade própria, sonhos...*
- *Cada uma de nós temos esse tear mágico, que só existe em nossas cabeças.*

Tal como a personagem tecelã, é no desenrolar da narrativa que cada um consegue enxergar as cores dos fios que teceram a sua história até aquele momento. Essa percepção é o ponto de partida para ressignificar e mudar padrões já há muito tempo estabelecidos.

8 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os dados levam a deduzir que os alunos da EJA, sujeitos dessa pesquisa, demonstraram muita compreensão do seu cotidiano e de seus sofrimentos em relações abusivas. Além disso, eles, ao analisarem as ilustrações da obra, voltaram-se para detalhes semióticos valiosos, explorando o sentido do tema e os relacionando à própria vida. Foi perceptível a mudança de postura, ao afirmarem que a experiência nas aulas presenciais foi de grande significação para eles, oportunizando-lhes uma visão mais ampla ao aplicar conhecimentos produzidos pela humanidade em suas vivências. Esses dados levantam uma questão muito debatida nos tempos atuais: Qual a importância da presença de um professor na vida dos alunos e de qual professor necessitam para serem sujeitos e protagonistas de sua aprendizagem?. O estudo leva a afirmar que esse professor precisa ser leitor literário para alcançar o amadurecimento necessário para as escolhas de obras que possam ajudar os alunos da EJA a dar novo sentido à vida. Isso não se refere à aceitação passiva das dores, dos sofrimentos, do abandono, e sim à introjeção de que a vida precisa continuar e esse futuro há de ser melhor do que a vida de hoje, entendendo que a vida é um eterno ciclo de transformação.

Para isso, a literatura é fundamental, ainda que partindo de contos tradicionais, de histórias curtas, de poemas e de livros ilustrados, o importante é a mensagem que a obra permite extrair dela, e o que ela permite deduzir a partir dela. A ideia é que, aos poucos, possa-se fazer leitura por capítulos, de obras ricas em experiências de vida e de superação, já que são tantas as coisas e os acontecimentos da vida. Até que os próprios alunos/as EJA se dirijam à biblioteca, em busca de uma leitura que faça sentido para eles ou que seja condizente com seu modo de ver a vida, de acordo com seu interesse.

Antonio Candido (2011, p. 176) define literatura da maneira mais ampla possível:

[...] todas as criações de toque poético, ficcional ou dramático em todos os níveis de uma sociedade, em todos os tipos de cultura, desde o que chamamos folclore, lenda, chiste, até as formas mais complexas e difíceis da produção escrita das grandes civilizações.

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

BENETTI, Idonézia Collodel; OLIVEIRA, Walter Ferreira. O poder terapêutico da escrita: quando o silêncio fala alto. **Cadernos Brasileiros de Saúde Mental**, Florianópolis, v. 8, n. 19, p. 67-77, 2016. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/cbsm/article/view/69050/41531>. Acesso em: 5 fev. 2024.

BARRETO, Lígia. *Corpos Dóceis, mentes livres: letramento e o poder transformador da leitura no cárcere*. In: CONGRESSO BRASILEIRO CIÊNCIA E SOCIEDADE INOVAÇÃO, DIVERSIDADE E SUSTENTABILIDADE, 2019. **Anais [...]**. Teresina: Centro Universitário Santo Agostinho, 2019. p. 1-10.

BRASIL. [Constituição (1988)]. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Brasília, DF: Presidência da República, 1988. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm. Acesso em: 6 jun. 2024.

BRASIL. **Emenda Constitucional n. 59, de 11 de novembro de 2009**. Acrescenta § 3º ao art. 76 do Ato das Disposições Constitucionais Transitórias para reduzir, anualmente, a partir do exercício de 2009, o percentual da Desvinculação das Receitas da União incidente sobre os recursos destinados à manutenção e desenvolvimento do ensino de que trata o art. 212 da Constituição Federal, dá nova redação aos incisos I e VII do art. 208, de forma a prever a obrigatoriedade do ensino de quatro a dezessete anos e ampliar a abrangência dos programas suplementares para todas as etapas da educação básica, e dá nova redação ao § 4º do art. 211 e ao § 3º do art. 212 e ao caput do art. 214, com a inserção neste dispositivo de inciso VI. Brasília, DF: Presidência da República, 2009. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/emendas/emc/emc59.htm. Acesso em: 26 out. 2024.

BRASIL. **Lei n. 5.692, de 11 de agosto de 1971**. Fixa Diretrizes e Bases para o ensino de 1º e 2º graus e dá outras providências. Brasília, DF: Presidência da República, 1971. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l5692.htm. Acesso em: 26 out. 2024.

BRASIL. **Lei n. 9.394, de 20 de dezembro de 1996**. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Brasília, DF: Presidência da República, 1996. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L9394compilado.htm. Acesso em: 31 ago. 2024.

BRASIL. **Lei n. 13.005 de 25 de junho de 2014**. Aprova o plano nacional de educação (PNE) e dá outras providências. Brasília, DF: Presidência da República, 2014. Disponível em: <https://legislacao.presidencia.gov.br/atos/?tipo=LEI&numero=13005&ano=2014&ato=8b4gXWE9ENVpWT136>. Acesso em: 31 ago. 2024.

BRASIL. **Lei n. 14.611 de 3 de julho de 2023**. Dispõe sobre a igualdade salarial e de critérios remuneratórios entre mulheres e homens; e altera a Consolidação das Leis do Trabalho, aprovada pelo Decreto-Lei n. 5.452, de 1º de maio de 1943. Brasília, DF: Presidência da República, 2023. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2023-2026/2023/lei/l14611.htm. Acesso em: 31 ago. 2024.

CANDIDO, Antonio. **Vários Escritos**. 5. ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2011.

COLASANTI, Marina. **Doze reis e a moça no labirinto do vento**. São Paulo: Boa Viagem, Belo Horizonte, 2018.

COUTINHO, Afrânio. **Notas de teoria literária**. 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978.

CURY, Maria Zilda Ferreira. Intertextualidade. *In*: UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS. **Glossário CEALE**. Belo Horizonte: UFMG, [n.d.]. Disponível em: <https://www.ceale.fae.ufmg.br/glossarioceale/verbetes/intertextualidade>. Acesso em: 31 ago. 2024.

FÓRUM BRASILEIRO DE SEGURANÇA PÚBLICA (FBSP). **Anuário Brasileiro de Segurança Pública 2023**. São Paulo: FBSP, 2023. Disponível em: <https://publicacoes.forumseguranca.org.br/items/721e3396-1a66-4ff6-8ceb-319684a57a>. Acesso em: 26 out. 2024.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler**. 12. ed. São Paulo, Cortez, 1986.

KRISTEVA, Julia. **Introdução à semanálise**. São Paulo: Perspectiva, 1974.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. Leitura como processo inferencial em um universo cultural-cognitivo. *In*: BARZOTTO, Valdir Heitor (org.). **Estado de leitura**. Campinas: Mercado de Letras, 1999, p. 95-124.

MARINHO, José Miguel. **Fabulação: um mundo onde todos sonham**. CENPEC, 2019. Disponível em: <https://www.cenpec.org.br/acervo/fabulacao-um-mundo-onde-todos-sonham>. Acesso em: 5 fev. 2024.

ROLLEMBERG, Marcello. Nenhum homem é uma ilha. **Jornal da USP**, São Paulo, abr. 2020. Disponível em: <https://jornal.usp.br/artigos/nenhum-homem-e-uma-ilha/>. Acesso em: 26 out. 2020.

SANTOS, Leonor Werneck; RICHE, Rosa Cuba; TEIXEIRA, Claudia Souza. **Análise e produção de texto**. São Paulo: Contexto, 2011.

SARAMAGO, José. **O conto da ilha desconhecida**. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO DE SÃO PAULO (SME-SP). **Retratos da EJA em São Paulo: Histórias e relatos de práticas**. São Paulo: SME-SP, 2020.

SILVA, Jane Quintiliano G. Silva. Interdiscursividade. *In*: UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS. **Glossário CEALE**. Belo Horizonte: UFMG, [n.d.]. Disponível em: <https://www.ceale.fae.ufmg.br/glossarioceale/verbetes/interdiscursividade>. Acesso em: 31 ago. 2024.

SOARES, Magda. **Letramento**: um tema em três gêneros. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

TERRA, Ernani. **Leitura de textos literários**. São Paulo: Contexto, 2014.

TODOROV, Tzevetan. **A literatura em perigo**. Rio de Janeiro: DIFEL, 2009.

VERGNA, Márcia Aparecida. Concepções de letramento para o ensino da Língua Portuguesa em tempos de uso de artefatos digitais. **Texto Livre**, Belo Horizonte, v. 14, n. 1, p. 1-16, 2021. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/textolivre/article/view/24366/20146>. Acesso em: 31 ago. 2024.

ANEXO A – TEXTO MOTIVADOR

A moça tecelã

Acordava ainda no escuro, como se ouvisse o sol chegando atrás das beiradas da noite. E logo sentava-se ao tear.

Linha clara, para começar o dia. Delicado traço cor da luz, que ela ia passando entre os fios estendidos, enquanto lá fora a claridade da manhã desenhava o horizonte.

Depois lãs mais vivas, quentes lãs iam tecendo hora a hora, em longo tapete que nunca acabava.

Se era forte demais o sol, e no jardim pendiam as pétalas, a moça colocava na lançadeira grossos fios cinzentos do algodão mais felpudo. Em breve, na penumbra trazida pelas nuvens, escolhia um fio de prata, que em pontos longos rebordava sobre o tecido. Leve, a chuva vinha cumprimentá-la à janela.

Mas se durante muitos dias o vento e o frio brigavam com as folhas e espantavam os pássaros, bastava a moça tecer com seus belos fios dourados, para que o sol voltasse a acalmar a natureza.

Assim, jogando a lançadeira de um lado para outro e batendo os grandes pentes do tear para frente e para trás, a moça passava os seus dias.

Nada lhe faltava. Na hora da fome tecia um lindo peixe, com cuidado de escamas. E eis que o peixe estava na mesa, pronto para ser comido. Se sede vinha, suave era a lã cor de leite que entremeava o tapete. E à noite, depois de lançar seu fio de escuridão, dormia tranquila.

Tecer era tudo o que fazia. Tecer era tudo o que queria fazer.

Mas tecendo e tecendo, ela própria trouxe o tempo em que se sentiu sozinha, e pela primeira vez pensou em como seria bom ter um marido ao lado.

Não esperou o dia seguinte. Com capricho de quem tenta uma coisa nunca conhecida, começou a entremear no tapete as lãs e as cores que lhe dariam companhia. E aos poucos seu desejo foi aparecendo, chapéu emplumado, rosto barbado, corpo apumado, sapato engraxado. Estava justamente acabando de entremear o último fio da ponta dos sapatos, quando bateram à porta.

Nem precisou abrir. O moço meteu a mão na maçaneta, tirou o chapéu de pluma, e foi entrando em sua vida.

Aquela noite, deitada no ombro dele, a moça pensou nos lindos filhos que teceria para aumentar ainda mais a sua felicidade.

E feliz foi, durante algum tempo. Mas se o homem tinha pensado em filhos, logo os esqueceu. Porque tinha descoberto o poder do tear, em nada mais pensou a não ser nas coisas todas que ele poderia lhe dar.

— Uma casa melhor é necessária — disse para a mulher. E parecia justo, agora que eram dois. Exigiu que escolhesse as mais belas lãs cor de tijolo, fios verdes para os batentes, e pressa para a casa acontecer.

Mas pronta a casa, já não lhe pareceu suficiente. — Para que ter casa, se podemos ter palácio? — perguntou. Sem querer resposta imediatamente ordenou que fosse de pedra com arremates em prata.

Dias e dias, semanas e meses trabalhou a moça tecendo tetos e portas, e pátios e escadas, e salas e poços. A neve caía lá fora, e ela não tinha tempo para chamar o sol. A noite chegava, e ela não tinha tempo para arrematar o dia. Tecia e entristecia, enquanto sem parar batiam os pentes acompanhando o ritmo da lançadeira.

Afinal o palácio ficou pronto. E entre tantos cômodos, o marido escolheu para ela e seu tear o mais alto quarto da mais alta torre.

— É para que ninguém saiba do tapete — ele disse. E antes de trancar a porta à chave, advertiu: — Faltam as estrebarias. E não se esqueça dos cavalos!

Sem descanso, tecia a mulher os caprichos do marido, enchendo o palácio de luxos, os cofres de moedas, as salas de criados. Tecer era tudo o que fazia. Tecer era tudo o que queria fazer.

E tecendo, ela própria trouxe o tempo em que sua tristeza lhe pareceu maior que o palácio com todos os seus tesouros. E pela primeira vez pensou em como seria bom estar sozinha de novo.

Só esperou anoitecer. Levantou-se enquanto o marido dormia sonhando com novas exigências. E descalça, para não fazer barulho, subiu a longa escada da torre, sentou-se ao tear.

Desta vez não precisou escolher linha nenhuma. Segurou a lançadeira ao contrário, e jogando-a veloz de um lado para o outro, começou a desfazer seu tecido. Desteceu os cavalos, as carruagens, as estrebarias, os jardins. Depois desteceu os criados e o palácio e todas as maravilhas que continha. E novamente se viu na sua casa pequena e sorriu para o jardim além da janela.

A noite acabava quando o marido estranhando a cama dura acordou, e, espantado, olhou em volta. Não teve tempo de se levantar. Ela já desfazia o desenho escuro dos sapatos, e ele viu seus pés desaparecendo, sumindo as pernas. Rápido, o nada subiu-lhe pelo corpo, tomou o peito aprumado, o emplumado chapéu.

Então, como se ouvisse a chegada do sol, a moça escolheu uma linha clara. E foi passando-a devagar entre os fios, delicado traço de luz, que a manhã repetiu na linha do horizonte.

COLASANTI, Marina. **Doze reis e a moça no labirinto do vento**. São Paulo: Boa Viagem, Belo 2018.

Marina Colasanti nasceu 1938 em Asmara, Etiópia, morou 11 anos na Itália e, desde então, vive no Brasil. Publicou vários livros de contos, crônicas, poemas e histórias infantis. Recebeu o Prêmio Jabuti com *Eu sei, mas não devia* e também por *Rota de Colisão*.

OBJETIVOS:

- A partir da leitura e análise de um conto da autora Marina Colasanti (2018), *A moça tecelã*, promover um espaço na sala de aula para a troca de experiências de vida, por meio do testemunho oral e escrito.
- Aproximar o aluno do texto literário, tornando-o leitor, ou seja, “fazendo inferências, observando as entrelinhas, percebendo as intenções do autor e a estrutura do texto”, conforme propõe Santos, Riche e Teixeira (2011, p. 40).

ANEXO B - PRODUÇÕES ESCRITAS

quando eu vivia com o pai dos meus filhos eu sofria muito ele me batia na frente das crianças proibia eu a sair de casa e não deixava eu ir na casa da minha familia era muito triste mas hoje eu me libertei dessa vida eu vivo com os meus filhos a minha historia foi muito triste.

Eu Carmelita Bizzo dos Santos nasci
Em Itabuna Bahia minha mãe casou
muito cedo. aos quatorze anos de
idade. foi muito difícil para ela.
foi criada com meu avô minha avó
faleceu quando ela tinha cinco anos
então meu avô arrumou um casamento
para ela. meu pai tinha vinte anos
na época ele já tinha muita experiência
com mulheres ela muita menina sofreu
muito fazia todo serviço doméstico traba-
lhava na Rota ainda tinha que esquentar
água quente para ele lavar os pés todos os
dias quando chegava em casa.
somos em seis irmãos três mulheres
e três homens não estudamos porque
para meu pai o mais importante era
trabalhar minha mãe é uma mãe
maravilhosa muito especial apesar de
tanto sofrimento nos ensinou a amar
meu pai do jeito que ele era e amar
o próximo.

Português

E casei muito novo mal sabia nada da vida foi aprendo as coisas ao pouco. meu ex marido era muito egoísta, bravo só pensava em beber.

Não gostava de passear chamava ele ficava bravo. Quando queria compra as coisas ele jogava o cartão no chão.

Nunca se importava comigo mim chamava de feia que não sabia se arrumar e queria aprender a dirigir mim chamava de burra.

Sempre mim colocava pra baixo. Ele só queria fazer as vontades dele.

Me chamo Lucélia tenho 32 anos, aos 13 anos sofri muito em um relacionamento abusivo onde fui apresentada a um rapaz de 21 anos eu fui morar com ele não tinha noção em como funcionava a vida de duas pessoas juntos, eu não tinha vontade de beijar ele mas me sentia no obrigação pois não tinha pra onde ir caso ele me colocasse para fora.

Então foi aí que começou meu sofrimento tendo que ter relação sexual eu me sentia abusado por ele pois estava tendo que fazer algo que não queria toda noite chorava, sem poder pedir ajuda, pois quem tinha que me defende foi quem me integrou a essa situação hoje lembro com muita dor e tristeza no coração.

Tive dois filhos desse relacionamento, eu amo meus filhos mas nunca amei esse rapaz

Relacionamento abusivo

Tenho 19 anos em um casamento que me muito foi muito abusivo, até pra estudos ele não aceitava.

Até os meus amigos ele queria controlar, não tinha um relacionamento de amizade, companheirismo, e até foram longos anos de muitos sofrimentos, sempre querendo controlar a minha vida também tinha a questão financeira ele trabalhava eu ficava em casa sempre dependente dele para tudo até o dia que comecei a abrir os olhos e ter vontade própria sobre.

comecei a trabalhar ter meu próprio dinheiro não dependo mais dele para nada. ele não gostou muito da ideia, por isso comecei a ter a vida com outros olhos me valorizado mais hoje sou um mulher independente continuei casada, ele é uma pessoa diferente agito sempre minhas ideias, voltei a estudar era um sonho, sempre achei que não conseguia, tinha muitos obstáculos, por conta dos filhos que ainda eram pequenos hoje estão crescendo e posso realizar meu sonho. A lição que tirei do meu relacionamento é que!

O Tecido que tece minha história

Muita das vezes somos iguais a essa moça do tear, vivamos história e fantasias que só existe em nossas cabeças.

Buscamos suprir carências de nossas almas que jamais ninguém vai entender.

fala-se que casamos pra ser feliz! será mesmo?

fantasiamos emoções e sensações que suspiramos mas na prática se transforma em outra coisa, coisas erras que com um tempo nos despiriona de uma forma que achamos será mesmo que existe amor?

Amor entre duas pessoas onde não irá dar lugar pra críticas, auto controle, obediência, pressões psicológicas?

Passi por relacionamentos que só eu amei, me dediquei e não fui notada, cada ~~uma~~ uma de nós temos um tear mágico que só existe em nossas cabeças, tá na hora de usar nossos teares de maneira verdadeira sabendo tecer a nossa história de maneira verdadeira sabendo que somos aptos a errar em querer amar demais, se entregar demais e sofrer demais.

A minha história não é diferente da moça do tear mágico, fantasiámo-amos, nos dedicamos e da parte que um dia amamos não foi reu-ni-oco mas serviu pra aprendi-zado por que ao iniciar um tecido que seja os dois juntos porque quando estiver faltando um ponto ou errar que os dois possa permanecer juntos e juntos começar tecer novamente.

Viver um relato pessoal assim como o da moça tecelã.

Como eu trabalho em uma oficina de costura na minha própria casa, meu marido ao chegar do trabalho, achava porque eu trabalhava em casa teria mais tempo de fazer tudo.

Jesus foi me visitando que quase nesse casamento chegou ao fim, conversamos e hoje ele entendeu que estava errado e somos unidos nas tarefas de casa e praticamente em tudo.

Se quer somar tem que ser juntos.
Essé é o meu entendimento

ANEXO C – IMAGENS DO GRUPO



